



A crise na península da Coreia



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS**
MASSAS

**A posição
do marxismo
diante da crise
na península
da Coreia**

Índice

Apresentação	5
Teses sobre a crise na península da Coreia	7
Conflito entre as Coreias se agrava	16
Sob o imperialismo, Coreia do Norte e Coreia do Sul podem ir à guerra	20
Expulsar o imperialismo da península coreana: unificar a Coreia com os métodos revolucionários do proletariado	24
Derrotar a ofensiva do imperialismo contra a Coreia do Norte	29
Direito da Coreia do Norte à autodeterminação	34
<i>Apêndice:</i>	
Avançam as tendências bélicas do capitalismo	38

Apresentação

Reunimos neste folheto um conjunto de textos contendo a posição o POR sobre o cerco imperialista montado em torno da Coreia Norte. São parte desta coletânea, as Teses sobre a crise na península da Coreia, artigos do jornal Massas e um documento do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI), publicados todos entre 2013 e 2017, quando a escalada de tensões se eleva paulatinamente.

Os trabalhadores e a juventude oprimida do mundo inteiro, que ainda guardam o mínimo de consciência política, não podem deixar de ver que os EUA e seus aliados preparam uma sangrenta guerra no sudeste asiático. As razões têm sido insistentemente anunciadas e defendidas pela imprensa monopolista nos quatro cantos do planeta. O arrogante Donald Trump lançou seu ultimato: ou o fim do programa nuclear e de mísseis norte-coreanos ou a guerra. O leitor verá, em nossos textos, que o que move o colosso imperialista é não somente o desejo de destruir o estado operário norte-coreano e restaurar o capitalismo, mas liquidar a 'pretensão' de qualquer país atrasado em possuir armas nucleares, ou seja, adquirir capacidade de autodefesa perante o próprio imperialismo.

As armas atômicas, os gases químicos, a sanguinária aviação de guerra, as mortíferas armas de assalto e artilharia assim como os sofisticados instrumentos de carnificina em

massa de seres humanos, ditados pela lucrativa indústria armamentista, encontram-se todos nas mãos das potências. A imprensa burguesa, o órgão da opinião pública do imperialismo, tem de guardar sobre isso um profundo silêncio ou cantar louvores à necessária defesa nacional e aos milagres da tecnologia militar. Ao contrário, o desenvolvimento de armamentos estratégicos por parte de qualquer país atrasado, como a Coreia do Norte e o Irã, tem de ser condenado como uma ação agressiva, uma violação da paz, uma provocação insensata, uma ameaça terrorista e um desafio à chamada “comunidade internacional”.

Temos total consciência de que a Coreia do Norte é conduzida por uma burocracia nacionalista, que degenerou o estado operário e que não pode expressar o internacionalismo socialista, mas tais condições não devem desviar a luta contra a opressão imperialista. O seu direito à autodeterminação e à posse de armas nucleares corresponde ao direito de todas as nações dominadas e saqueadas pelas potências se defenderem contra a dominação. Os Estados Unidos e seus aliados, armadas até as entranhas, se põem a intervir econômico e militarmente contra os povos que lutam pela sua independência.

A nossa época de capitalismo monopolista é, sem dúvida, uma etapa de maior opressão nacional e social, mas é também a era da rebelião das nações oprimidas e da revolução proletária. Os revolucionários estão pelo direito democrático de autodeterminação e soberania nacional aos povos oprimidos e aos países semicoloniais, o que implica o direito de desenvolverem seus arsenais. O fim do imperialismo, de sua insuportável dominação e barbárie militarista só poderá ocorrer pelas mãos do proletariado mundial, que terá de travar a guerra de classes mais intransigente e implacável contra a burguesia e a grande propriedade privada. Terá de se armar para instaurar sua ditadura de classe e só então demolir o Estado, converter as rivalidades nacionais em cooperação e preparar o terreno para a extinção completa de todas das armas de destruição em massa.

Rafael Santos, Fortaleza, outubro de 2016

Teses sobre a Crise na Península da Coreia.

1. A Coreia do Norte, enquanto estado moderno, surgiu apenas em 1948, ao fim da II Guerra mundial, como resultado da divisão da península da Coreia entre os EUA e a URSS. O povo coreano e sua cultura, todavia, possuem uma longa e milenar história. Durante a dinastia Dangun, no sec. XXIV a.c., a Coreia era um aglomerado de cidades-estados que viviam em constantes guerras pelo domínio da região. Ao esplendor temporário do reino dominante, seguia-se o constante declínio catastrófico provocado pela derrota e transmissão do poder ao reino seguinte. Em 676 d.c., Silla unificou quase todo o território coreano sob o seu reinado. Em 918, o general Wang Geon fundou o reino de Goryeo (de onde deriva o nome Coreia), que sobreviveu à dominação mongol, como pequeno estado tributário. De 1592 a 1598, o Japão invadiu a região pela primeira vez. No século XVI, a Coreia foi derrotada pelos manchus e incorporada à China da dinastia Qing. Depois da guerra russo-japonesa de 1904, a Coreia foi ocupada pelo Japão e permaneceu submetida como colônia de 1910 a 1945. A fragmentação política, as guerras incessantes, a dominação estrangeira e a fraqueza de

sua monarquia marcaram profundamente a história da Coreia. A enorme distância que a separava do ocidente e seu relativo isolamento nacional, se, por um lado, a livrou do colonialismo europeu, por outro, determinou seu atraso secular, sua pobreza mercantil e, por conseguinte, seu permanente estado de submissão a vizinhos igualmente arcaicos, porém, militar e economicamente mais poderosos.

2. Com a derrota da Alemanha hitlerista em maio de 1945, as forças militares dos Aliados (FRA, RU, EUA e URSS) voltam-se contra o isolado Japão. O rápido avanço de tropas soviéticas sobre a península da coreia, ocupada pelo exército imperial japonês, obrigam a uma intervenção dos EUA e Inglaterra junto ao governo soviético sobre a base de um acordo de áreas de influência, tal como já esboçado na Europa Oriental. A península da Coreia foi dividida ao meio no paralelo 38, com o Norte sob controle soviético e o Sul sob domínio estadunidense. O interesse da burocracia stalinista exclusivamente sobre o território norte-coreano, tal como sobre os países da Europa oriental, era tão somente o de criar estados-tampões, isto é, zonas de proteção ao território da URSS contra a ação militar do imperialismo franco-britânico e norte americano. Eis o sentido do acordo de divisão da Coreia ao meio, da entrega pacífica da Coreia do Sul ao imperialismo norte-americano e europeu, do abandono de qualquer perspectiva de sublevar os trabalhadores em toda a península contra o capitalismo e pela revolução proletária. O stalinismo renunciava à revolução na Ásia em nome do “socialismo em um só país” e da coexistência pacífica com o imperialismo.
3. Entre as forças de resistência à ocupação japonesa na Coreia, destacou-se a guerrilha comandada por Kim-Il-Sung. Com a invasão soviética em 1945, houve a reconstrução do Partido Comunista da Coreia, desintegrado durante o domínio japonês e mais tarde trans-

formado em Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte. Com a eliminação de grupos rivais, Kim-Il-Sung foi posto na liderança da zona coreana ocupada pelo Exército vermelho. A burguesia norte-coreana foi expropriada, assim como os grandes proprietários de terra e um governo de Kim-Il-Sung foi instituído na prática, ainda que a República Popular da Coreia tenha sido oficialmente proclamada somente em 1948. A repressão ao movimento autônomo dos trabalhadores e a expropriação, pelo alto, dos capitalistas na Coreia deram lugar ao poder de uma casta burocrática privilegiada, tal como ocorrera na Europa Oriental e na própria URSS. Não tardou para que na burocracia norte-coreana se manifestasse os piores vícios, com perseguição e morte dos opositores e um aberto culto à personalidade de Kim-Il-Sung, que ganhou proporções inauditas. O líder coreano mandou erigir estátuas, rebatizou ruas e reescreveu a história da luta contra a ocupação japonesa, autoproclamando-se como “líder infalível”. A Guerra da Coreia, ocorrida entre junho de 1950 a julho de 1953 e seu sangrento resultado expressaram, de um lado, a política contrarrevolucionária stalinista de bloquear a revolução mundial (já que sinalizou aos EUA sua disposição de não intervir) e, de outro, o ímpeto nacionalista da burocracia norte-coreana, apoiada pela China e sua incapacidade de organizar os trabalhadores sul-coreanos para a luta revolucionária. A derrota da guerra revolucionária contra a Coreia do Sul, graças à pronta intervenção militar dos EUA, e as pesadas perdas impostas à Coreia do Norte (com a destruição de quase todas as suas cidades e infraestrutura) mostraram a impossibilidade de derrotar o imperialismo sem que se partisse diretamente da organização dos explorados e da construção do partido revolucionário.

4. A ajuda técnica, econômica e militar fornecida pela URSS e China possibilitou o desenvolvimento das forças produtivas do país. Algumas zonas industriais

foram implantadas e a agricultura coletivizada. A educação, os transportes, a saúde pública e a cultura deram um salto, malgrado a pesada ditadura que sufocava a vida nacional, censurando a arte, proibindo o controle operário da produção e exercendo um domínio de ferro sobre as atividades diárias dos trabalhadores. Com a ruptura entre Kuschev e Mao, em decorrência da denúncia dos crimes de Stálin, feitas pelo primeiro no XX Congresso do PCUS, em 1956, a Coreia do Norte afastou-se da órbita soviética e estreitou seus vínculos com a China. Enquanto a Coreia do Norte viveu à sombra da ajuda militar chinesa e soviética, seu front de combate esteve voltado unicamente aos problemas da situação interna. Com o fim da URSS, em 1991, e a restauração capitalista avançada na China desde o início dos anos 1980, a Coreia do Norte não apenas conheceu privações econômicas insuportáveis como passou a ser acossada, mais diretamente, pelo imperialismo norte-americano e europeu, no sudeste asiático. O autoisolamento nacional, uma das armas utilizadas pela burocracia norte-coreana para perpetuar-se no poder (o controle absoluto das informações acessíveis aos explorados no país é vital para o domínio da casta parasitária), aprofundou seu nível de dependência da economia chinesa. Os principais produtos exportados, como minerais, têxteis, frutos do mar etc., as poucas divisas obtidas, a importação subsidiada do precioso petróleo, vital como fonte de energia (termelétricas) e combustível, passaram a depender enormemente da China.

5. A ascensão definitiva de Kim Jong-Il ao governo norte-coreano, após a morte do pai, Kim Il-Sung, em 1994, revelou um dos aspectos mais deformados da burocracia norte-coreana: a hereditariedade do mando estatal. O apodrecido PTC foi reduzido a mecanismo morto a serviço do clã familiar de Kim Il-Sung. A espiral da crise econômica que atingiu o país, provocando fome, parali-

sação da produção e uma leva de refugiados clandestinos para a China, tem forçado a uma lenta abertura e restauração capitalista no país. O colapso na agricultura foi determinante para que as explorações privadas familiares fossem retomadas, assim como a abertura de uma série de empresas de capital privado em áreas de serviços e indústrias leves. A aproximação com a Coreia do Sul, no governo King Jong-Il, levou à criação da zona econômica especial de Kaesong, no território norte-coreano fronteiro, com a instalação de empresas sul-coreanas como Hyundai, para a exploração da mão-de-obra barata norte-coreana, a fim de competir com produtos chineses. Os impasses econômicos que abalam a economia do país são o resultado, mais do que esperado, do bloqueio às forças produtivas do país, ocasionado pelos métodos de gestão burocráticos, de um lado, e pela política contrarrevolucionária do socialismo nacional de outro. A tarefa dos trabalhadores, tal como assinalada pela IV Internacional, só pode ser a de uma revolução política que, conservando mais ou menos intacta a estrutura econômica do país (a propriedade estatal dos meios de produção), destrua o poder da burocracia e regenere o regime estabelecendo não apenas o controle operário da economia e uma democracia dos órgãos de poder populares, isto é, uma autêntica ditadura do proletariado, mas igualmente a perspectiva internacional da revolução proletária.

6. O cerco do imperialismo à Coreia do Norte é expressão da fase monopolista do capitalismo, fase de decomposição econômica, parasitismo e crises agudas. A ofensiva particular sobre o país peninsular é inseparável da ofensiva geral desenvolvida pelo imperialismo, em especial o norte-americano, sobre as nações atrasadas para se apoderar das suas fontes de matérias primas e mercados. Não casualmente, a Casa Branca desde os tempos de George W. Bush insiste em classificar como “eixo do mal” a todos os países que não se ajo-

elhem diante de sua política econômica. Hoje, esse papel é representado pelo republicano Donald Trump que anunciou da tribuna da Assembleia Geral da ONU a disposição de destruir toda a Coreia do Norte, se necessário. A imprensa burguesa monopolista tem desenvolvido uma campanha caluniosa e sórdida de ataques à Coreia do Norte. Para a burguesia imperialista e seus lacaios nas semicolônias, é preciso apresentar o governo Kim Jong-Un como um lunático desvairado, um ditador egocêntrico interessado em ameaçar com armas atômicas nações livres e pacíficas. O noticiário cuidadosamente preparado repete até a exaustão que volta e meia a “comunidade internacional” é desafiada pelos testes de mísseis e detonações subterrâneas promovidas pelo governo norte-coreano; tal “comunidade” nada mais é do que a associação dos governos das potências alinhadas aos EUA e seus capitalistas vorazes por lucros. A Invasão do Afeganistão em 2001, a Invasão do Iraque em 2003, o bombardeio à Líbia por aviões da OTAN e a deposição de Kadafi, em 2013; as pesadas sanções econômicas ao Irã em 2015, não podem deixar lugar a dúvidas quanto ao destino que caberia à Coreia do Norte caso não contasse com os interesses regionais da Rússia e da China contrários aos interesses do imperialismo. Com o avanço da restauração de um lado e de outro e com a militarização da Coreia do Sul pelos Estados Unidos, a pequena e frágil Coreia do Norte se viu obrigada a desenvolver a energia nuclear e armas atômicas.

7. Para além dos interesses imediatos em desarmar a Coreia do Norte de todo seu programa de mísseis e estoques de armas atômicas, está o objetivo de liquidar o regime norte-coreano, isto é, destruir o Estado operário burocratizado, nascido da guerra contra o Japão no final dos anos 1940 e entregar ao capital financeiro o controle sobre suas matérias primas e empresas estatais. A derrubada do regime político na Coreia possui,

é certo, uma grande importância em si mesma, mas é inegável que sua queda é fundamental para o cerco visível que vem sendo estruturado ao redor da China. O conflito dos EUA com o gigante asiático remonta aos tempos da revolução chinesa em 1949. A profunda restauração capitalista, conduzida centralizadamente pela burocracia do PCCh, não resolve de todo o problema. O imperialismo exige maior abertura econômica, menos regulamentação dos capitais por parte do governo chinês e a valorização do yuan, artificialmente desvalorizado para potencializar positivamente seu balanço de pagamentos, no comércio bilateral com os EUA. A burocracia do PCCh, que comanda as alavancas do poder na China, ainda que disposta à plena restauração da economia burguesa, está em rota de colisão com os interesses norte-americanos. O imperialismo estadunidense, que se apresenta como guardião da paz e da convivência harmoniosa entre as nações, tem à sua disposição bases militares sediadas na Coreia do Sul (Osan), no Japão (Okinawa), e em Guam; pelo menos 20 mil homens à disposição na Coreia do Sul e 50 mil no Japão; estreitas relações e armas fornecidas à Taiwan e um arsenal de guerra na região resguardados pela 7ª frota que patrulha as águas do pacífico. Todo esse poderio que esteve voltado no passado imediato contra a URSS está atualmente direcionado à China. A permissão norte-americana para que a Índia, nos anos 1970, possuísse armas nucleares não teve outra finalidade senão completar o cinturão militar em torno da China. A recente crise em torno da Coreia do Norte forneceu a oportunidade para que o Pentágono autorizasse a instalação, sob os protestos dos chineses, de um escudo antimísseis THAAD na Coreia do Sul, que será voltado contra a China. Eis por que o conflito com os EUA e o cerco que se impõe à China trazem a necessidade de sustentar o regime de Pyongyang, embora defendendo que este deva renunciar por completo ao seu programa nuclear e de mísseis, sob pena de severas sanções.

8. As potências imperialistas vencedoras da II Guerra, tendo à frente os EUA, não podem permitir que outros países, incluindo o imperialismo alemão e japonês, possam dispor de armamentos estratégicos, como bombas termonucleares e ICBM's. O monopólio atômico norte-americano, rompido inicialmente pela URSS e em seguida pela China, deu-se no quadro de luta entre o imperialismo e os Estados operários, que desenvolveram os seus próprios arsenais, como medida de segurança. As armas atômicas em poder do Paquistão, Índia e Israel (este último sem o reconhecer oficialmente) estiveram sujeitas ao aval norte-americano (e secundariamente ao franco-britânico) e cumpriram a necessidade tática de ameaçar outros regimes não alinhados ao imperialismo. Não casualmente, a ONU (marionete das potências) impõe a todos os demais países não atômicos a sujeição ao hipócrita tratado de não proliferação de armas nucleares e às inspeções da AIEA. Apenas a propaganda belicista e sórdida da imprensa burguesa pode querer passar a ideia de que a Coreia do Norte desenvolve seu insignificante arsenal com fins de atacar os EUA e Japão. A burocracia do PTC, sob a chefia de King Jong-Un, sabe perfeitamente que sua queda será inevitável sem a posse de mísseis e armas atômicas. A retórica de Trump e dos chefes da diplomacia norte americana de que "todas as cartas estão sobre a mesa" aliada a oito rodadas de pesadas sanções econômicas contra a Coreia, com apoio de Rússia e China, mostra não apenas a disposição do imperialismo em esmagar Kim Jong-Un, mas também a impossibilidade das burocracias de Moscou e Pequim defenderem o direito das nações disporem de si próprias. O direito democrático de autodeterminação dos povos implica o direito de que as nações possam dispor de sua autodefesa, ou seja, desenvolver armamentos estratégicos, incluindo nucleares. O POR defende o direito da Coreia do Norte desenvolver ogivas atômicas. Se coloca do lado da nação oprimida contra a nação opressora. Defende que o

fim definitivo das armas nucleares, assim como de todo armamento de destruição em massa, não poderá ser obra do capitalismo sanguinário e assassino, opressor dos povos e verdugo dos trabalhadores, mas da revolução proletária internacional que libertará o homem de todas as formas de opressão e violência. É preciso deixar claro que não serão as armas nucleares que garantirão a independência da Coreia do Norte, embora sejam importantes para a autodefesa. É o movimento revolucionário mundial do proletariado e, em particular, o da Ásia, que responderá às tendências bélicas do imperialismo e ao direito da autodeterminação da Coreia do Norte. Responderá, inclusive, à tarefa histórica de reunificar os coreanos do sul e do norte sob um Estado socialista.

Bnmyhsn dmsqd `r Bnqdh`r rd `fq`u`

Massas, nº 402, dezembro de 2010

No dia 23 de novembro, os jornais noticiaram que o governo da Coreia do Sul tinha como plano reinstalar nas fronteiras com a Coreia do Norte, um sistema de mísseis com ogivas nucleares. A iniciativa retoma posições militares da Guerra da Coreia de 1951, com as quais os Estados Unidos garantiram a divisão da Coreia no final da Segunda Guerra Mundial. A declaração do ministro da Defesa sul-coreano de que a questão será tratada com os Estados Unidos numa reunião do Comitê de Políticas de Extensão da Dissuasão trouxe de volta a intervenção militar direta do imperialismo na Coréia do Sul.

George H. Bush, em fins de 1991, retirou o aparato nuclear, como parte de sua política de reduzir a capacidade militar da ex-União Soviética. Durante trinta e três anos, o Pentágono manteve a Coréia do Sul nuclearizada. Foi o tempo suficiente para consolidar a divisão imposta pelo acordo de maio de 1948. Na década de 1970, o presidente Jimmy Carter chegou a negociar uma retirada das tropas norte-americanas, mas em meados de 1979 reviu a posição, sob o argumento de que ainda era necessária a força aérea, naval e as armas nucleares para garantirem o governo sul-coreano, ou seja, a ditadura do general Park.

O desmoroamento da União Soviética e evidência inconfundível da adaptação da burocracia chinesa ao capitalismo permitiram que Bush retomasse posições de retirada das ogivas aventadas por Carter. O que não mudou em muito a tutela dos Estados Unidos sobre a Coreia do Sul. As Forças Armadas sul-coreanas continuam a ser comandadas pelo Pentágono.

O objetivo de reinstalar as ogivas nucleares pelo governo de Obama corresponde às mudanças que ocorrem na conjuntura do capitalismo mundial, provocadas pela crise econômica, e ao conseqüente impulso das tendências bélicas do imperialismo.

Pois bem, no dia 23, houve a notícia do possível rearme atômico da Coreia do Sul. No dia 24, os jornais estamparam que o governo dos Estados Unidos defenderá sua “aliada” contra os ataques da Coreia do Norte. Ocorre que no ano anterior as duas Coreias voltaram a se confrontar. Segundo os noticiários, a Coreia do Norte lançou uma chuva de mísseis sobre a Ilha Yeonpyeong. O governo norte-coreano, por seu turno, acusou a Coreia de Sul de iniciar disparos na região. Trata-se de um espaço em litígio, o qual tem sido palco de bombardeios marítimos. No início de 2010, a Coreia do Sul acusou seus inimigos de afundar uma de suas corvetas, matando 46 marinheiros.

Os Estados Unidos pressionam a China a colaborar com o cerco econômico e militar montado pelo imperialismo para sufocar o regime de Pyongyang, que retarda a restauração capitalista. Ocorre que o fortalecimento da Coreia do Sul e a bancarrota da Coreia do Norte não têm feito senão projetar o poder do imperialismo norte-americano na Ásia.

O isolamento imposto à ditadura burocrática e dinástica de Kim Jong-il, edificada por seu pai Kim Il Sung, foi se recrudescendo a partir dos anos 90, quando emergiu o processo de restauração capitalista na ex-União Soviética e na China. Os Estados Unidos aumentaram a exigência para que os governos da Rússia e da China se alinhassem em torno da estratégia do imperialismo para derrocar o

regime de Pyongyang e obter a unificação das Coreias sob as condições ditadas pelas potências.

No entanto, é difícil para a burocracia do Partido Comunista Chinês servir de linha auxiliar à estratégia dos Estados Unidos. As contradições econômicas e sociais da China restauracionista são enormes e se avolumam com a crise mundial. É nesse quadro que a questão nuclear vem se tornando cada vez mais um motivo encontrado por Washington para militarizar a região e incentivar o confronto entre as duas Coreias.

O proletariado sul-coreano constitui uma força essencial para evitar a guerra entre as Coreias. É preciso libertar-se da tutela dos Estados Unidos, para romper com as tendências bélicas. É falsa a premissa de que a “ditadura comunista” de Kim Jong-Il, prestes a ser assumida por seu filho Kim Jong-Un, é a causa do avanço da escalada militar e o perigoso agente da instabilidade na região.

Os Estados Unidos, vitoriosos na Segunda Guerra, provocaram a divisão da Coreia, auxiliado pela União Soviética sob o comando de Josef Stálin. A seguir, a Guerra da Coreia aprofundou a divisão e potencializou a intervenção do imperialismo norte-americano, à custa de 5 milhões de mortes, dentre as quais, 2 milhões de civis. O estalinismo se encarregou de contribuir com a partilha e com a edificação da ditadura burocrática de Kim Il-Sung. A China revolucionária resistiu ao lado da Coreia do Norte combatendo o avanço dos Estados Unidos. No entanto, o triunfo do nacional-burocratismo no seio da República Popular da China impossibilitou que se continuasse o processo revolucionário de destruição do capitalismo na Ásia.

A divisão da Coreia foi decisiva para conter a revolução social e para isolar a União Soviética e a China, que vieram a se antagonizar ainda na década de 50, após a morte de Stálin. Está aí por que a sangrenta guerra que dividiu as massas coreanas continua latente no presente. O imperialismo norte-americano tomou o lugar do imperialismo japonês que, por muito tempo, exerceu a hegemonia da opressão colonialista sobre os coreanos.

A estruturação do capitalismo na Coreia do Sul, no pós-guerra, ganhou projeção nas últimas décadas com a penetração das multinacionais e com os incentivos a grandes grupos exportadores. Mas a crise do final dos anos 90 revelou o quanto a Coreia do Sul está assentada em profundas contradições, entre elas a da vasta especulação financeira. Certamente, a classe operária sul-coreana se desenvolveu e vem recebendo duramente os impactos da crise. É o que indicam as reformas trabalhistas que destruíram importantes conquistas sociais.

A Coreia do Norte sobrevive em uma economia isolada e atrasada, sem poder impulsionar as forças produtivas no seio da propriedade estatizada dos meios de produção. O imperialismo necessita restaurar o capitalismo para desfogar a Coreia do Sul de suas contradições. O que resultaria em fôlego para os Estados Unidos, acossados pela crise de superprodução. Se a classe operária não tomar a iniciativa de resistir à ofensiva norte-americana, travando a luta anti-imperialista e anticapitalista, é inevitável o crescimento das tendências bélicas e do aumento dos conflitos militares na região. O ponto de partida da política proletária é a de combater o domínio imperialista sobre a Coreia do Sul.

Sob o imperialismo, Coreia do Norte

Massas 542, abril de 2013

A declaração de “estado de guerra” emitida pelo governo norte-coreano, em 30 de março, foi propagandeada pelos porta-vozes do imperialismo como uma provocação. Insistem que o regime “comunista” da Coreia do Norte atenta contra a paz há 60 anos. Não se encontra um pingão de verdade nessa versão. O contrário se passa.

A Coreia do Sul é controlada pelos Estados Unidos desde o fim da 2ª Guerra Mundial. Em 1945/1948, o imperialismo norte-americano e a burocracia estalinista da ex-União Soviética dividiram a Coreia, cuja fundação ocorreu há dois mil anos atrás pela dinastia Koryo.

Em 1950, a Coreia do Norte se lançou em guerra contra a Coreia do Sul, em busca da unificação. Mas o combate não se dava apenas contra as forças sul-coreanas e sim contra as dos Estados Unidos, grande vencedor da guerra mundial. A China, que acabava de realizar a revolução e que se encontrava em posição diametralmente oposta ao imperialismo, se uniu à Coreia do Norte. A ex-União Soviética estalinista, que havia concertado o grande pacto de nova divisão do mundo, lavou as mãos. Sua intervenção, evidentemente, se configuraria como continuidade da 2ª

Guerra, sob novo realinhamento de forças – entre o imperialismo e os países que estavam em transição para o socialismo.

O exército norte-americano, apoiado em uma ampla aliança imperialista, estabelecida sob o manto da ONU, em 1950, derrotou a tentativa norte-coreana e chinesa de reunificar a Coreia sob fundamentos anticapitalistas e anti-imperialistas. O triunfo dos Estados Unidos expressou sua projeção como força imperialista hegemônica, definitivamente conferida pela 2ª Guerra Mundial. Essa é a raiz do recrudescimento do conflito entre as duas Coreias, que desde o armistício de 1953 nunca cessou.

Mas ainda é necessário considerar um período anterior à 2ª Guerra, para uma melhor compreensão das ameaças atuais do confronto militar. A Coreia, desde a sua fundação esteve sob constantes ameaças de ocupação externa. A mais importante investida se deu em 1910 com a invasão japonesa e a sua anexação. O imperialismo japonês desencadeou uma brutal violência com o objetivo de até mesmo acabar com as tradições e a língua coreana. Na 2ª Guerra Mundial, o Japão impôs bárbaras condições à Coreia ocupada. O imperialismo nipônico foi afastado e o imperialismo norte-americano tomou seu lugar, dividindo a Coreia. De maneira a levantar uma barreira ao processo revolucionário recém-começado na China e ao nacionalismo estalinista da União Soviética em estado avançado de esclerose burocrática.

É parte da situação de guerra nos anos 50, nesta região da Ásia, a constituição de Taiwan na ilha de Formosa, que pertencera à China. As forças contrarrevolucionárias nela se refugiaram e com apoio militar dos Estados Unidos conseguiram erguer uma trincheira do capitalismo. Hoje, continua o litígio com a China. Está armada e protegida pela burguesia internacional.

Esse quadro mais amplo em que está encravada a divisão da Coreia e as constantes ameaças de reativação do vulcão bélico explica que não se trata de uma provocação a declaração de “estado de guerra” da Coreia do Norte. Pode

ser uma expressão de desespero do regime socialista-nacional, tamanho o cerco montado pelos Estados Unidos e pela ONU, uma cova de bandidos como Lênin a qualificou.

O cerco imperialista para derrubar o regime do Partido dos Trabalhadores da Coreia e restabelecer o capitalismo tem se apertado cada vez mais. O método da “via pacífica” é a do bloqueio econômico e das ofertas norte-americanas de “ajuda” em troca do desarmamento do adversário. A bandeira do imperialismo é a de que “não toleraremos uma Coreia do Norte nuclearizada”. Os democratas via de regra vão pelo caminho da compra e os republicanos do cerco econômico-militar. Mas são variantes da mesma política de dominação, de guerra e de restauração.

É notável que a Coreia do Sul se tornou uma colônia dos Estados Unidos, embora formalmente seja uma semicolônia. Até hoje, o comando de suas Forças Armadas responde ao Pentágono. Para se impor a reconstrução do capitalismo no pós-guerra, o governo teve de agir como títere. O preposto Syngman Rhee é derrubado por um golpe militar em meio à crise política, marcada pela venalidade governamental. Durante trinta anos, de 1961 a 1992, a Coreia do Sul foi dirigida por ditaduras militares. Centenas de manifestantes foram mortos no massacre de Kwangju, em 1980. A sua “modernização” capitalista se deu à base de superexploração e de imposição de medidas de regressão trabalhista, com apoio da burocracia sindical das centrais.

Como se vê, a propaganda de que a Coreia do Norte é uma ameaça à Coreia do Sul democrática e pacífica é uma farsa do imperialismo para cegar os olhos do proletariado mundial e justificar a ofensiva dos monopólios na região, muito bem resguardados pelo complexo militar jamais visto na história. Desgraçadamente, o regime de ditadura militar nacional-socialista da Coreia do Norte depõe contra o comunismo e não é o instrumento do proletariado para enfrentar o cerco imperialista.

Esse infortúnio, no entanto, não altera o dever revolucionário de defender incondicionalmente a Coreia do Nor-

te contra as ameaças dos Estados Unidos e da burguesia lacaia sul-coreana. A classe operária de ambos os países está diante da necessidade de superar a divisão imposta pelas potências. Certamente, o proletariado sul-coreano não tem como confiar no regime autoritário e militarista da Coreia do Norte. Essa difícil situação para os explorados reflete a crise de direção revolucionária.

A ausência do partido da revolução socialista internacionalista é um obstáculo decisivo para transformar o conflito que beira à guerra em movimento pela unificação revolucionária das Coreias. A única solução progressiva e de paz verdadeira – não a “paz” dos saqueadores – é a de uma só Coreia socialista, dirigida por um governo operário e camponês, que expresse a ditadura do proletariado contra a burguesia coreana e o imperialismo.

Em defesa incondicional da Coreia do Norte! Derrotar o imperialismo com as massas nas ruas, com as armas em punho! Fim imediato do bloqueio econômico e militar. Pela autodeterminação da Coreia do Norte! Pelo direito de ter armas nucleares!

Coréia

Expulsar o imperialismo da península coreana

Tmhβb`q` Bnqdh` bn l nr l šncnr
qdunk t bhnmöqhn r cn oqnkds`qh` cn

Massas 542, abril de 2013

Uma manobra militar entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos, na fronteira com a Coreia do Norte, reavivou os antagonismos entre ambas Coreias. Certamente, a revolta da Coreia do Norte se dirige contra o imperialismo. Ao mesmo tempo, colocou na ordem do dia o abortado processo revolucionário que tomou conta da península, após a 2ª Guerra Mundial. Processo histórico que correspondia ao ascenso revolucionário das massas, surgido da crise imperialista e das rupturas da cadeia capitalista mundial, iniciada pela Revolução Russa (1917) e continuada pela Revolução chinesa (1949).

O governo norte-coreano respondeu declarando-se em “estado de guerra permanente” com a Coreia do Sul e seu amo norte-americano. O armistício de 1953, que suspendeu a guerra, foi desconhecido pelo governo de Kim Jong-Un, que mobilizou suas forças militares na fronteira e apontou seus mísseis para a Coreia do Sul e as bases nor-

te-americanas nesse país, no Japão e no Pacífico. A Coreia do Sul, por sua vez, mobilizou suas tropas. Os Estados Unidos colocaram suas bases, sua frota e seus bombardeiros com capacidade nuclear prontos para o combate.

O desenvolvimento nuclear norte-coreano, ainda que raquítico, fratura o monopólio mundial imposto pelos Estados Unidos. Não é permitido que um país que se coloca em posição anti-imperialista e de desobediência aos ditames da ONU se defenda com armas de grande capacidade de destruição. Não por acaso, a Coreia do Norte e o Irã vivem sobressaltados com a possibilidade de uma intervenção arrasadora pelas forças imperialistas.

A ofensiva dos Estados Unidos na Ásia tem se avolumado no último período, em razão da projeção da China na economia mundial. O cerco militar do imperialismo a esta região indica para onde caminham as tendências bélicas da crise em que se desintegra o capitalismo. Diante de uma possível conflagração na Ásia, é conveniente, para os Estados Unidos, que a Coreia do Norte esteja completamente desarmada. A estratégia do imperialismo é a de reunificar as Coreias sob o comando do Estado e da burguesia sul-coreana.

O governo chinês, aliado de Pyongyang, é um obstáculo ao intervencionismo imperialista, que pode ser removido a qualquer momento. A aceitação pela China e pela Rússia de um novo bloqueio ditado pelo Conselho de Segurança da ONU mostra que cada vez mais a Coreia do Norte fica à mercê dos saqueadores do mundo. É claro que a burocracia chinesa rechaça a possibilidade de uma guerra dirigida pelo imperialismo porque sabe que resultará no esmagamento da Coreia do Norte e na ampliação do cerco imperialista sobre seu próprio país.

O imperialismo está obrigado a fortalecer suas posições frente a avançada guerra comercial interimperialista por mercados e fontes de matérias-primas na Ásia. Pretende, ao mesmo tempo, fortalecer as forças políticas e sociais internas que lhe permitam impor suas condições no processo de restauração capitalista na China; abrir seu gigantesco

mercado interno e os meios de produção controlados pelo Estado à penetração monopolista; e, finalmente, constituir as bases sociais e políticas da desintegração da burocracia estalinista no domínio do poder do Estado.

A degeneração nacional-socialista das revoluções triunfantes da China e Rússia e seu isolamento dentro das fronteiras nacionais constituíram um grave retrocesso na transição histórica do capitalismo agonizante ao regime socialista mundial. No entanto, constituíram também em seus inícios em uma gigantesca conquista revolucionária ao romper a cadeia da opressão imperialista.

Afogando-se em suas contradições internas e avançando a restauração capitalista, a persistência de uma parte das conquistas revolucionárias e da propriedade estatal na China são ainda uma trava à expansão imperialista e a necessidade de dominar sem fissuras o mercado mundial e as economias nacionais. A guerra, por isso, é menos provável imediatamente. Constitui, sem dúvida, a tendência fundamental do processo aberto com a crise capitalista mundial para unificar a Coreia como Estado vassalo do imperialismo e acelerar a restauração capitalista na China.

A Guerra da Coreia (1950-1953) colocou em cena o intervencionismo militar imperialista como fator decisivo em sua luta contrarrevolucionária para abortar as tendências transformadoras da crise estrutural do capitalismo em guerra civil e em revoluções proletárias. Tendências essas que, posteriormente, se manifestaram no confronto entre o Vietnã também dividido pelas potências, cuja derrota dos Estados Unidos foi importante para a luta revolucionária dos povos pela sua autodeterminação.

A revolução coreana foi violentamente amputada pela invasão militar norte-americana em 1950 e freou o curso nacional de seu desenvolvimento. O enclausuramento das revoluções triunfantes dentro de suas fronteiras nacionais e o nacional-socialismo foram fatores complementares que se combinaram com o poderio militar imperialista para conformar o equilíbrio instável com a divisão territorial da Coreia. A revolução ficou fechada nas fronteiras de 1953 e

o país se dividiu de acordo com os interesses imperialistas. Isolando a revolução no norte do país e criando as premissas de sua degeneração.

São essas contradições e combinações do processo vivo da luta de classes mundial que ditaram a forma do armistício de 1953. Mas que voltariam à cena, uma vez que o intervencionismo imperialista na Ásia recrudescesse e levasse a uma maior opressão sobre as semicolônias, entre as quais está a Coreia do Sul - um Estado criado artificialmente pela força do militarismo norte-americano e que serve de base para as disputas interimperialistas pela redivisão do mundo.

Como vemos, não estamos diante de uma possível guerra entre dois países por conflitos fronteiriços, que surgem de seu próprio desenvolvimento histórico independente. Mas sim de um choque bélico entre um país atrasado e o imperialismo. A Coreia do Sul sofre a opressão nacional e é usada para ampliar essa opressão à Coreia do Norte.

O proletário sul-coreano não deve permanecer indiferente diante das aventuras belicistas contrarrevolucionárias de seu governo títere do imperialismo. Deve se impor nas ruas e nas fábricas contra qualquer tentativa do expansionismo militarista norte-americano, que usa o país como instrumento de manobra. E impor o fim dos exercícios militares entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos. Deve exigir, além disso, que se rechacem e publiquem todos os tratados diplomáticos secretos entre ambos governos. Isto é, deve defender uma clara posição de independência política frente à demagogia nacionalista de seu governo e que serve de máscara ao apetite expansionista do grande capital monopolista. Organizando-se nacionalmente sob um único programa de luta para expulsar o imperialismo e expropriar suas propriedades, com os métodos revolucionários da classe operária.

Somente uma decisiva e enérgica ação revolucionária das massas sul-coreanas porá fim ao conflito e aos exercícios militares que servem de máscara à expansão imperialista. Na Coreia do Sul, se impõe a tarefa histórica de con-

quistar sua independência nacional, quebrando as cadeias da opressão do imperialismo. Tarefa que só poderá se concretizar com a derrota e expropriação da burguesia-vassala sul-coreana pelo proletariado, abrindo o caminho para a unificação entre o sul e o norte. Mas tampouco a burocracia nacionalista norte-coreana tem como realizar a unificação revolucionária com os métodos de luta e da democracia do proletariado revolucionário. A revolução política se coloca como uma necessidade histórica para romper o isolamento da revolução na Coreia do Norte e para projetar-se ao sul com o programa democrático e socialista.

No estopim da guerra, se colocará na ordem do dia a continuidade histórica da revolução coreana, abortada pelo imperialismo. Mas a luta pela unificação socialista do país, por meio da revolução social na Coreia do Sul e por meio da revolução política na Coreia do Norte, são partes integrantes de um mesmo processo histórico, que ultrapassa as fronteiras nacionais e se projeta para o terreno da luta do proletariado mundial contra a restauração capitalista que avança na China.

A unificação sob o Estado socialista constituirá um degrau na projeção mundial da luta do proletariado contra a destruição de suas conquistas revolucionárias. E, ao mesmo tempo, um novo ponto de apoio para retomar sua projeção internacionalista como revolução socialista mundial.

Cdqqs`q` nedmrhu` cn h l odqh`khr l n contra a Coreia do Norte

Boletim do Comitê de Enlace, Nº 23, abril de 2017

Em meados de fevereiro, a Coreia do Norte realizou novas provas com mísseis balísticos. No dia 1º de março, os Estados Unidos e Coreia do Sul fizeram novas manobras militares em grande escala. Tropas, navios, porta-aviões, tanques, canhões e bombardeiros estratégicos (com capacidade de carregar armas nucleares) foram deslocados para a fronteira entre as duas Coreias.

Desde o fim da Guerra da Coreia, as manobras militares do imperialismo e seu vassalo têm sido constantes, visando a manter preparadas as tropas sul-coreanas e norte-americanas para uma invasão no norte da península. No entanto, diferentemente de outros “exercícios militares conjuntos”, agora foram incorporados os sistemas anti-mísseis *Defesa Área de Alta Altitude Terminal* (THAAD) e tropas de elite (Delta Force, Navy SEALs e Army Rangers).

A administração Trump cogita abertamente realizar uma ação militar “preventiva”. Segundo a Casa Branca, o governo de Pyonyang está “se comportando muito mal” e a China “tem feito pouco para ajudar”. Expressa, na linguagem diplomática, o acirramento das tendências bélicas. As ameaças divulgadas pelo secretário de Estado, Rex Tiller-

son, vêm nesse sentido. O porta-voz de Trump anunciou a famosa frase que serviu a Obama para ameaçar o Irã: “todas as opções estão na mesa”.

Concretamente, os Estados Unidos aproveitaram o fato para ir adiante com o seu sistema de defesa antimísseis. A Coreia do Sul se tornou um ponto estratégico para o imperialismo na Ásia. Há muito se prepara para possíveis confrontos na região, que envolvem potências como o Japão, Rússia e China. Está aí por que a China e a Rússia criticaram imediatamente a nova investida dos norte-americanos, que alegam que o programa nuclear da Coreia do Norte põe em risco não somente a segurança da região, mas dos próprios Estados Unidos. O Japão, por sua vez, aplaudiu a pronta resposta de Trump, que pouco antes exigia de seu aliado contribuir com os gastos militares.

O acirramento do conflito da Coreia do Sul e Estados Unidos com a Coreia do Norte reacendeu a discussão sobre a corrida armamentista. Em meio à crise do programa de mísseis e sistema defensivo, ocorreu, na Malásia, o assassinato de Kim Jong-Man, irmão de Kim Jong-Un. O chefe de governo da Coreia do Norte foi acusado de eliminá-lo por ter se tornando um dissidente. O ministro da Defesa da Coreia do Sul correu a divulgar a notícia de que identificou o veneno que serviu ao atentado. Os Estados Unidos apontaram o dedo contra Kim Jong-Un. Mas o fundamental foi a acusação de que se tratava de uma poderosa arma química. A Coreia do Norte não apenas se tornou um perigo nuclear como também quanto às armas químicas e biológicas. Estavam aí as justificativas que reforçavam ainda mais a necessidade do imperialismo de aparelhar a Coreia do Sul para uma guerra regional.

A China é acusada de não fazer nada para deter Pyongyang. É a única aliada e interessada na Coreia do Norte. Em um gesto de satisfação aos norte-americanos, cortou a importação de carvão de seu vizinho. Segundo informações, 42% das exportações para a China correspondem ao carvão. Os Estados Unidos e a ONU têm procurado sufocar a Coreia do Norte com os embargos comerciais. A China

sofreu duros ataques do imperialismo por não ter acatado plenamente a decisão. Agora, curva-se para se manifestar contra o direito da Coreia do Norte de desenvolver seu sistema militar. Ocorre que os chineses já fazem parte do seleto punhado de países que detêm armas nucleares. Evidentemente, a contragosto das potências imperialistas que exercem o monopólio do armamento de alta capacidade de destruição. Neste exato momento, a China acaba de lançar seu avião de guerra invisível.

A Rússia, por seu turno, considerou a instalação do sistema de antimísseis um perigo para sua segurança. Segundo as autoridades, por meio dessa tecnologia altamente avançada, os Estados Unidos poderiam interferir na inteligência das bases militares de toda a região. Essa mesma alegação foi feita pela China. O imperialismo, evidentemente, se utiliza do servilismo da Coreia do Sul, de um lado, e da aliança com o Japão, do outro, para pressionar a China e Rússia a impor à Coreia do Norte as resoluções do Conselho de Segurança da ONU, que têm por princípio o monopólio da energia e armas nucleares. O primeiro ministro japonês, Shinzo Abe, chegou a aventar um possível ataque para destruir os arsenais norte-coreanos, numa atitude de quem estava sendo porta-voz dos Estados Unidos, caso Pyongyang não cumpra as determinações da ONU.

É nesse sentido que o governo Trump indicou que pode apoiar a aquisição de armas nucleares pelo Japão, se o governo chinês não “ajudar” no desarmamento da Coreia do Norte. Eis também por que a opressão nacional do imperialismo exercida sobre a Coreia do Sul adquirirá, cada vez mais, um caráter mais violento e ameaçador, considerando que uma fração de sua burguesia tem interesses comerciais com a China e que a oposição burguesa posa de defensora de que é preciso ter alguma independência diante da gigantesca influência norte-americana. Está claro que as desavenças entre a Coreia do Sul e o Japão, originadas na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia, não cessaram. A tendência, portanto, é de agravamento dos choques em toda a região, uma vez que o impe-

rialismo não permite que sejam colocados entraves à sua hegemonia econômica e militar.

É notória a avaliação de estrategistas da própria burguesia de que a Coreia do Norte não representa um grave perigo ao imperialismo. Certamente, o armamento nuclear norte-coreano implica uma ruptura no monopólio das armas nucleares. Mas, a Guerra da Coreia (1950-1953) mostrou o intervencionismo imperialista como fator decisivo para esmagar as transformações, impulsionadas pelas contradições do capitalismo mundial. O nível tecnológico da Coreia do Norte dificilmente poderá ser uma ameaça a um país como os Estados Unidos, que conta com gigantescos recursos e um poderio bélico capaz de esmagá-la. De forma que a “ameaça nuclear” norte-coreana não passa de cobertura para um conflito mais amplo, envolvendo a China, Rússia e Japão. Indica o desenvolvimento das tendências bélicas nas entranhas do capitalismo em crise e desintegração.

O essencial de tudo que temos dito, no entanto, está em que a escalada bélica coloca mais uma vez na ordem do dia o processo revolucionário abortado após a 2ª Guerra Mundial. A Guerra da Coreia (1950-1953) mostrou o intervencionismo imperialista como fator decisivo para esmagar as transformações, impulsionadas pelas contradições do capitalismo mundial. A revolução coreana foi assim amputada e enclausurada nas fronteiras nacionais, em 1953. Nessas condições é que a República Democrática Popular da Coreia (RPDC) surgiu como um Estado operário prematuramente degenerado pelo cerco militar do imperialismo e pelo profundo atraso nacional. As formas dinásticas de governo como foi organizado o poder de casta é a expressão da impossibilidade de construir o “socialismo em um só país”.

Evidentemente, os marxistas que lutam sob o programa do internacionalismo proletário não obscurecem o caráter da ditadura burocrático-dinástica norte-coreana. Mas, nunca se esquecem de que na sua base está a propriedade social dos meios de produção, que constituem conquistas da classe operária mundial.

Está aí o fundamento da tática da vanguarda e do proletariado mundial em se colocar do lado da Coreia do Norte contra o imperialismo e seus servidores. Seu programa na situação está expresso na luta pela expulsão do imperialismo da península coreana e unificá-la com os métodos revolucionários do proletariado. O que exige romper o socialismo nacional e unificar o proletariado de ambas as Coreias, sob a estratégia do internacionalismo proletário. Essa luta necessariamente passa pelo combate à restauração capitalista em curso na China e na ex-União das Repúblicas Soviéticas Socialistas.

O proletariado norte-coreano tem de constituir seu partido marxista-leninista-trotskista e trabalhar pela revolução política, que lhe permitirá colocar as alavancas do Estado e da economia sob seu controle. O proletariado sul-coreano, por sua vez, dará o primeiro passo na conquista de sua independência política quando deixar de ser refém das aventuras bélicas da burguesia e de seu governo títere do imperialismo.

A península unificada pela revolução social e colocada sob a condução de um governo operário e camponês se erguerá contra a restauração capitalista e colocará um cimento social de onde poderá fortalecer a revolução proletária mundial, retomando assim o caminho traçado pela Revolução Russa de 1917 e pela Revolução Chinesa, 1949.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional luta contra o intervencionismo imperialista na península coreana. Rechaça as posições da China e da Rússia de condenar o direito da Coreia do Norte de possuir seu programa e armas nucleares. Defende a constituição da frente única anti-imperialista, sob a direção da classe operária. Coloca-se pela organização da luta revolucionária do proletariado norte-americano, sul-coreano e japonês contra a ofensiva do imperialismo sobre a Coreia do Norte. Defende a unidade do proletariado russo e chinês contra a colaboração da burocracia restauracionista e pró-capitalista com os objetivos das potências de destruir as conquistas da Coreia do Norte.

Direito da Coreia do Norte à autodeterminação

Massas 548, agosto de 2017

As tensões na península da Coreia se agravam. Segundo os Estados Unidos, a escalada é responsabilidade da Coreia do Norte, que estaria ameaçando a “paz e estabilidade” regional com suas ambições nucleares. Os governos do Japão e da Coreia do Sul falam da necessidade de um acordo diplomático. Porém, são arrastados pela retórica belicista e armamentista próprias do imperialismo.

Apesar das manobras diplomáticas, visando a arrefecer as tendências bélicas, essas finalmente se impõem com a força de uma lei histórica. O essencial dessa afirmação está em constatar que o governo do Japão rompeu de vez com a política “não intervencionista” e “defensista”, passando a adotar uma Constituição e uma política de rearmamento. E que o governo da Coreia do Sul, que ganhou as eleições prometendo frear o deslocamento de mísseis norte-americanos no país e que priorizaria a via do diálogo com a Coreia do Norte, depois aceitou o deslocamento de um maior número de bases móveis de mísseis dos EUA e assumiu as ameaças militares.

Na base dessas viradas se acham os interesses imperialistas de alavancar o expansionismo dos monopólios por

cima das fronteiras nacionais. A submissão da Coreia do Norte seria um grande feito, tendo por objetivo impulsionar um cerco à China e Rússia. O objetivo dessas movimentações estratégicas é o de acessar os gigantescos recursos naturais e industriais dos países que começaram percorrer a transição socialista e cujas burocracias constituem um obstáculo aos interesses dos monopólios imperialistas.

São essas as tendências que mobilizam a diplomacia russa e chinesa a rejeitar as movimentações dos Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão. E a questionar o deslocamento dos sistemas de mísseis que se orientam contra suas fronteiras. O que impulsiona, por sua vez, o armamentismo desses países, retroalimentando as tendências bélicas.

Sob as aparências de uma “resposta proporcional” à “escalada” militarista da Coreia do Norte por parte da ONU, Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul, está o objetivo de evitar que a capacidade nuclear seja conquistada por um país que constitui um entrave ao expansionismo monopolista na região. De forma que, quando o presidente Donald Trump ameaça a Coreia do Norte com “fogo e fúria, como o mundo nunca viu antes”, demonstra que o imperialismo não está disposto a que nenhum país exerça a soberania sobre seus territórios e regiões, valendo-se para isso da vantagem do acesso a armas de destruição em massa, criadas pelo capitalismo sob o controle das potências.

Há décadas, a Coreia do Norte vem desenvolvendo seu programa nuclear. Basta ver as mudanças ocorridas nas relações de força mundiais para se compreender as razões de tal feito. Enquanto contou com o apoio da ex-URSS e da China, podia contar que o imperialismo se absteria de intervir. Com o avanço da restauração capitalista nesses países, a sobrevivência da Coreia do Norte passou a depender, cada vez mais, de suas próprias capacidades bélicas. Nesse sentido, o programa de armamento nuclear é um instrumento para a defesa da autodeterminação nacional constante ameaçada. É fundamental considerar a Guerra da Coreia um prolongamento da Segunda Guerra Mundial, para se entender mais acabadamente por que esse

país que resultou da divisão imposta pelo imperialismo se viu obrigado a recorrer à energia nuclear.

O que impulsiona a escalada belicista do imperialismo não é a ameaça do “expansionismo” norte-coreano. A denúncia de que os Estados Unidos estão ameaçados, bem como os seus protegidos, não passa de propaganda bélica. Chega a ser ridícula tal justificativa. O que tem sentido é que a possibilidade da Coreia de alcançar as etapas do processo tecnológico e miniaturizar o dispositivo nuclear que lhe permite ampliar consideravelmente as capacidades de defesa perante as permanentes ameaças intervencionistas.

O fundamental está em compreender que na base dessas tendências bélicas se acha o choque das forças produtivas altamente desenvolvidas com as fronteiras dos Estados nacionais. E fundamentalmente dessas forças produtivas, que têm por base a produção social, com a grande propriedade dos meios de produção e apropriação privada do produto social.

A revolução iniciada na península coreana se projeta à solução dessa contradição, expropriando aos capitalistas e desenvolvendo as formas da propriedade social, coletiva. A interrupção do processo de reunificação pelo intervencionismo imperialista afogou essas tendências, que retrocederam ainda mais sob o impulso da contrarrevolução estalinista.

Está aí por que, se bem que os marxistas não obscurecem o caráter da ditadura burocrático-dinástica norte-coreana, nunca se esquecem, também, de que na sua base está a propriedade social dos meios de produção que constitui uma grande conquista da classe operária mundial. E que sua defesa exige, de um lado, que o proletariado norte-coreano acorde para a necessidade de superação da crise de direção, construindo um partido marxista-leninista-trotskista e expulse do poder a camarilha burocrática. Somente o proletariado norte-coreano, apoiado pelo proletariado mundial, a começar pelos vizinhos russo e chinês, tem como derrotar o imperialismo.

O proletariado sul-coreano deve ser o mais interessado na expulsão dos Estados Unidos. O real perigo de guerra reside na interferência das potências – essas, sim, completamente nuclearizadas. O proletariado mundial está diante do dever revolucionário de defender o direito à autodeterminação dos povos oprimidos, como é o caso da Coreia do Norte. Os perigos da guerra, sem dúvida, crescem. A resposta contrária depende dos explorados se levantarem contra suas burguesias e combaterem sob o programa da revolução proletária.

Apêndice:

@u`mā` l `r sdmcAḡbh`r aăkḡb`r do imperialismo

Massas 540, abril de 2017

Quatro fatos marcaram a primeira quinzena de abril: o bombardeio dos Estados Unidos à Síria, o deslocamento de uma frota de guerra norte-americana para o sul da Península da Coreia, o lançamento da superbomba no Afeganistão e a mobilização da OTAN na Polônia, acompanhada de uma brigada blindada americana e da inclusão de Montenegro na OTAN.

Estados Unidos e Rússia se acusam mutuamente quanto à identificação do responsável pelo uso de armas químicas na Síria. Na reunião do G-7, as potências apoiaram a posição norte-americana, responsabilizando o governo de Bashar Al-Assad pela mortandade. O secretário de Estado americano, Rex Tillerson, pretendia ir mais longe, com sanções mais rigorosas contra a Rússia. Em sua visita diplomática à Rússia, Tillerson levou na bagagem a acusação de que Vladimir Putin tinha conhecimento do uso de armas químicas. E Putin recebia o secretário de Estado com a denúncia de que os Estados Unidos falsearam sobre o trágico acontecimento acusando Al-Assad, quando na realidade quem detinha armas químicas era a oposição.

A reunião em Moscou serviu apenas para se restabelecer o acordo sobre o uso do espaço aéreo na Síria de maneira a evitar um confronto entre as duas forças aéreas. Trump insistiu, porém, na denúncia de que a Rússia estava sendo conivente com o responsável pelo ataque químico.

No dia 6 de abril, quando se reunia com o governo da China, Xi Jinping, Trump autorizou o bombardeio da Síria, desconhecendo o Conselho de Segurança da ONU. O fato pelo visto foi calculado. Serviu para alertar a China de que a maior potência tomava uma posição ofensiva e não estava disposta às limitações diplomáticas. Não se tratava apenas de uma mudança tática em relação à guerra civil internacionalizada na Síria. O bombardeio com mísseis à base aérea Síria servia apenas de um sinal, de abertura de um processo mais amplo de militarização mundial. Em seguida, Trump ordenou sua marinha de guerra a cercar a Coreia do Norte e ameaçá-la de bombardeio em suas instalações militares e assim destruir seu programa nuclear. Ao mesmo tempo, pressionou a OTAN a fortalecer suas posições na Polônia e colocar Montenegro sob sua guarda, contrariando a resistência da Rússia.

A China, por sua vez, procurou se resguardar, evitando se opor abertamente à ofensiva militar dos Estados Unidos. Na reunião do Conselho de Segurança da ONU, absteve-se diante da moção apresentada pela representante dos Estados Unidos, que condenava o governo Sírio. Decidiu suspender a importação de carvão da Coreia do Norte, acatando a sanção econômica imposta pela ONU. Diante do deslocamento da esquadra de guerra norte-americana para a região, o governo chinês pediu cautela e mais diplomacia, avaliando a possibilidade de um bombardeio às dependências norte-coreanas. O regime de Pyongyang tinha previsto um novo teste com mísseis no dia da comemoração da fundação da República Popular da Coreia do Norte. Fato esse levou a China a se reunir com o governo da Coreia do Sul e conjuntamente ameaçar o vizinho com o corte de venda de petróleo. Parece que o teste fracassou. Essa movimentação serviu, pelo

menos, momentaneamente, para Trump suspender as ameaças econômicas à China. Obrigá-la, por outro lado, a não se alinhar com a Rússia, Irã e Síria contra a ofensiva militarista norte-americana. Trump deu um passo à frente para acuar a Rússia, que insiste em manter a Síria sob sua influência. E para inibir a ascendência da China sobre a Coreia do Norte.

As potências imperialistas – França, Alemanha e Inglaterra –, cujos governos haviam feito restrições à eleição de Donald Trump, colocaram-se sob suas asas, compactuando com a tese de que o governo sírio havia utilizado as armas químicas e alegrando-se com a decisão de somente pôr fim à guerra com a derrubada de Al-Assad.

Nenhuma dessas potências e aliados dos Estados Unidos ousou questionar o unilateralismo de Trump e a orientação norte-americana de desconhecer a ONU. Sob o governo de Barak Obama, todos se alinharam à política do multilateralismo, insuflando a ilusão de que a ONU era de fato um espaço de decisão do conjunto dos países. George W. Bush já havia desfeito essa ficção, mandando às favas o Conselho de Segurança da ONU que estava em desacordo com a intervenção militar no Iraque.

Obama reavivou o cadáver com a tese do multilateralismo, que serviu aos Estados Unidos para conduzir a burguesia mundial nas condições da crise econômica aberta em 2008. O seu maior feito foi o de obter do Irã um acordo de contenção de seu programa nuclear. O que evitou uma guerra entre Israel e Irã, que obrigaria os Estados Unidos a se colocarem militarmente mais fundo no Oriente Médio. Na Síria, impôs a Assad a destruição de seu arsenal de armas químicas. Permitiu que a intervenção na Líbia ficasse a cargo de seus aliados, contando com o apoio da ONU. Procurou uma aproximação de Israel com os Palestinos, não apoiando a expansão das colônias na Cisjordânia. Retirou parte das tropas de ocupação no Iraque e no Afeganistão. Acrescenta-se ainda a política de formação de um grande bloco econômico (Parceria Transpacífica), de apoio a um programa mundial de proteção ambiental e energia limpa,

de suspensão do cerco econômico a Cuba e desarmamento das FARC. Internamente, a administração dos democratas se viu diante da necessidade de responder à alta taxa de desemprego, ao subemprego e ao avanço da pobreza. O programa de saúde (Obamacare) foi a principal medida no sentido de amenizar a crise social. Os interesses do capital financeiro e dos monopólios foram preservados, mas as medidas particulares de Obama não deixaram de despertar oposição de poderosos setores de energia e da indústria militar, principalmente. A diretriz de Obama emergiu nas condições do maremoto econômico-financeiro, que se formou e tomou corpo nos anos de 2007-2008. Observa-se que os Estados Unidos precisavam da tese do multilateralismo.

Trump chega ao poder no momento em que a economia norte-americana começa a respirar. No entanto, ainda que os poderosos abalos sofridos pelo sistema financeiro tenham ficado circunstancialmente para trás, a economia como um todo continua a refletir a superprodução mundial e as pressões da tendência à queda média da taxa de lucro. A destruição de parte das forças produtivas mundiais não foi suficiente para se estabelecer um novo período ascendente. Baseado em uma tímida retomada econômica, que despontou já no governo de Obama, Trump procura responder aos interesses primordiais da indústria de energia e militar, valendo-se da bandeira de retomada industrial dos Estados Unidos.

A iniciativa de bombardear a Síria e confrontar a Rússia pareceu inesperada. O candidato republicano havia sido acusado pelos democratas de receber apoio de Putin nas eleições e se mostrar condescendente com a Rússia. Na realidade, a bandeira do intervencionismo serviu para ocultar que Trump expressa precisamente as tendências bélicas do imperialismo. Mal completou seus 100 dias de governo, a máscara caiu, expondo a necessidade dos Estados Unidos realizarem sua política interna por meio da política externa intervencionista. Estavam esgotadas a orientação e a tática de aproximações de países em posições antagônicas sob a hegemonia dos Estados Unidos, traçadas por Obama.

A dominação norte-americana exige o uso do poderio militar nas condições de agravamento do choque entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como com as fronteiras nacionais. Não se sabe ainda até onde os Estados Unidos irão em sua ofensiva intervencionista, que se abriu com o bombardeio na Síria. Sabe-se, porém, que as bandeiras de liquidação do Estado Islâmico e a de acabar com o programa nuclear da Coreia do Norte implicam uma grande investida militar.

O imperialismo está diante do esgotamento da repartição do mundo, realizada na 1^a e 2^a guerras mundiais. Fato esse que não é recente. Desde os anos 60, mais definitivamente, desde os anos 70, o capitalismo vem sendo sobresaltado por crises regionais. A que se abriu em 2008 se distingue por expressar o acúmulo das crises anteriores e por se generalizar mundialmente a partir das potências. O processo de restauração capitalista nos países que iniciaram a transição do capitalismo para o socialismo e, especialmente, a desintegração da União Soviética nos anos 90, serviu de respiro à crise de superprodução e de meio para os monopólios enfrentarem a queda tendencial da taxa de lucro. É nestas condições que o curso de restauração na China auxiliou enormemente às diretrizes do imperialismo para a economia mundial. Os atritos dos Estados Unidos com a Rússia e China, agora, confirmam o esgotamento desse processo e a necessidade do capital financeiro e dos monopólios submetê-las, como se submetem as semicolônias. Não é aceitável que se pretendam como potências regionais, que fechem passagem à livre penetração do capital monopolista.

A disputa pela Síria tem esse sentido. A divisão da Ucrânia teve e tem esse mesmo sentido. A disputa da China com o Japão pelas ilhas estratégicas e o conflito com a Coreia do Norte refletem o mesmo problema. Não basta que a burocracia do Partido Comunista Chinês permita a penetração das multinacionais no país e a brutal exploração das massas chinesas. É preciso que o Estado chinês não obstaculize a expansão imperialista por cima

de suas fronteiras nacionais. A Rússia deve se encolher e renunciar à pretensão de recuperar o terreno perdido pela desintegração da URSS. As potências europeias se debilitaram com a crise econômica e com os impasses de sua unificação. A Alemanha, que se beneficiou da unidade europeia e se fortaleceu, tem de retomar o seu armamento ou contribuir portentosamente com a OTAN. O Japão, há algum tempo, vem se rearmando e assim mudando as leis do desarmamento, impostas pelos vencedores da 2ª guerra mundial. Seu destino é como o da Alemanha, ou assume uma escalada armamentista, ou contribui para o fortalecimento do aparato dos Estados Unidos. Essas duas vertentes na situação não se excluem.

Tudo indica que os conflitos no Oriente Médio e na Ásia se agravarão. Os Estados Unidos acobertam a sua voracidade econômica com as campanhas contra o terrorismo, agora centrada no Estado Islâmico, anteriormente na Al Qaeda e no Taleban, e contra governos sanguinários que pisoteiam os direitos humanos, como foi o caso de Saddam Hussein, no Iraque, Muamar Kadafi, na Líbia, etc. Utilizam-se de seu posto de guardião das armas nucleares e químicas. Com todas essas máscaras, escondem a rapinagem imperialista e o domínio não só econômico, mas também militar dos povos oprimidos. As demais potências se valem dessas máscaras e agem de acordo com os interesses gerais do capital financeiro.

A classe média tem se sensibilizado pelas campanhas humanitárias, antiterrorista e antiarmamentista, orquestrada desde os Estados Unidos. Os porta-vozes do imperialismo condenam as matanças por armas químicas, mas enobrecem as carnificinas pelos poderosos mísseis, que não apenas atingem os inimigos, mas também a população. O imperialismo se caracteriza não só pelo monopólio econômico, mas também pelo monopólio militar. Em outras palavras, um decorre do outro.

É necessário que as organizações operárias rasguem as máscaras e os disfarces do imperialismo. Exponham os perigos que corre a humanidade diante das armas de

destruição em massa, produzidas pela indústria das potências. Coloquem à luz do dia o avanço das tendências bélicas mundiais. Lutem pela autodeterminação das nações oprimidas, que implica o direito de se armar como bem lhe convier contra o imperialismo. Mas, sobretudo, os explorados devem encarnar o programa da revolução proletária, socialista. A defesa da paz e do desarmamento mundiais depende da luta revolucionária para destruir o poder da burguesia. Enquanto essa classe, ultraminoritária, continuar com seu domínio sobre os meios de produção, a guerra imperialista estará presente. Deve ser expropriada e reiniciado o processo de transição do capitalismo para o socialismo, como fez a Revolução Russa e as demais revoluções socialistas.

A desorganização do proletariado mundial e, portanto, a ausência de uma direção revolucionária, também em escala mundial, é o grande problema que temos de enfrentar. A crise não apenas movimenta a burguesia para seus objetivos de saque, como também o proletariado mundial e demais explorados, que se veem na contingência de se defender, bem como as nações oprimidas. O programa de reivindicações é a arma por onde se começa o combate à burguesia e ao imperialismo. Por esse caminho, torna-se possível desenvolver o programa internacionalista da revolução proletária. A vanguarda consciente tem o dever de reunir suas forças para construir os partidos revolucionários em seus países, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

É nas condições de avanço das tendências bélicas do imperialismo, de recrudescimento dos choques no Oriente Médio e de guerra contra a Coreia do Norte que se tem com maior clareza a dimensão do que é a crise de direção revolucionária e a imperiosa necessidade de superá-la.



Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org
